



Volume IV – Dezembro de 2008 - <http://www.revistaexagium.com>

Resenha do livro *Cinismo e Falência da Crítica* de Vladimir Safatle

Rubens José da Rocha

Aristóteles, Platão, Diógenes Laertes, Kant, Hegel, Bakhtin, Weber, Adorno, Lacan, Lyotard, Searle, Deleuze, Sloterdijk, Agamben, Zizek são alguns contrapontos teóricos que permitem a Vladimir Safatle compor, no livro *Cinismo e Falência da Crítica*, um vasto campo de coordenadas históricas para validar a tese sobre o cinismo como “categoria adequada” para análise de “formas hegemônicas de vida na fase atual do capitalismo”. A passagem abaixo exprime claramente a estratégia de argumentação que se segue nos seis ensaios que compõem o livro:

“Partindo da noção de forma de vida como conjunto de sistemas de ordenamento e justificação de processos de interação social nas esferas do trabalho, do desejo e da linguagem, este livro procura insistir na convergência de mutações profundas que ocorrem nos modos de socialização do desejo, assim como nos modos de reprodução material da vida e de constituição de critérios de funcionamento e crítica da linguagem”. (p.201).

Dialética Cínica

Ao iniciar com o ensaio intitulado *Dialética, Ironia, Cinismo*, Vladimir propõe um reenseamento da crítica dialética de Hegel à ironia romântica e aos modos de *intersversão* cínica da lei no *Sobrinho de Rameau*. Sugere, portanto, um possível encaminhamento dialético para a tese central sobre o cinismo. No segundo ensaio, *Was Ist Zynismus*, o autor parte da inversão que Sloterdijk propõe da fórmula “eles não

sabem, mas o fazem”—fórmula de Marx para a alienação da falsa consciência—, para a fórmula cínica “eles sabem o que fazem, e continuam a fazê-lo”. E acrescenta:

Poderíamos aqui concordar com Slavoj Žižek e afirmar que tudo isso só demonstra como a fórmula cínica (...) ignora que o desconhecimento ideológico não está na dimensão do ‘saber’ da consciência, mas na estruturação das condições de significação da *práxis*, ou seja, na dimensão do ‘fazer’ (p.83) (...) Assim, se é verdade que ‘o cínico vive da discordância entre os princípios proclamados e a prática—toda a sua sabedoria consiste em legitimar a distância entre eles’, então devemos levar às últimas conseqüências a idéia de que o cinismo é uma contradição posta que é, ao mesmo tempo, contradição resolvida ou, antes, aproveitando a formulação de Žižek, uma estranha ‘discordância legitimada’. Este é o ponto realmente central: compreender como é possível ao cinismo sustentar-se com esta paradoxal contradição (p.84)

No terceiro ensaio, *Sobre Um Riso Que Não Reconcilia*, a *interversão cínica* da lei aparece como “exemplo supremo de *ideologia que pode funcionar exatamente por não se tomar a sério*” (p.100), o que aponta para o caráter concreto da ideologia, que não se define pelo *o que se pensa*, mas antes pelo *o que se faz*. O cinismo aparece aqui sob a forma da identificação irônica ou do humor, ou seja, como figura da ação social que constrói seus padrões de racionalidade com base em um pretenso poder de aniquilamento da lei social.

Neste sentido, observamos no ensaio *Sexo, Simulacro e Políticas da Paródia*, na segunda parte, um esforço continuado de articulação entre as formas de identificação, os modos de *ironização* da fala e o caráter performativo do comportamento cínico na sociedade de consumo. Assim como as identificações irônicas, a *ironização* da fala é um sintoma específico do que, numa dimensão social mais ampla, aparece como polimorfismo da *crítica* transformado em falsos atos de perversão da lei social.

Dialética, Weber e Lacan

Por outro lado, no primeiro ensaio da segunda parte, *Por Uma Crítica da Economia Libidinal*, Vladimir propõe um novo recenseamento conceitual, desta vez a fim de re-significar a dimensão social de alguns conceitos-chave da teoria das pulsões de Freud e Lacan. Em linhas gerais, observamos aqui que a validação material do consumo desarticula os imperativos repressivos da ética do trabalho, tal como aparece

em Weber, para dar lugar ao *supereu materno*. Ao se conjugar com a plasticidade da forma mercadoria, o *supereu materno* regula, através de uma *ética do gozo*, as formas de racionalidade que se colocam a serviço da lógica de administração do desejo na sociedade de consumo.

“Assim, essa ironização absoluta dos modos de vida com sua lógica de autonomização da aparência nada mais é do que a posição subjetiva que internalizou a desvinculação geral entre imperativo de gozo e conteúdos normativos privilegiados a essa nova figura social do supereu”(p.134).

Este passo teórico lhe permite descrever as principais mudanças estruturais que desencadearam, a partir da década de 1920, a transformação dos valores que permeiam os modos de socialização e os padrões de racionalidade de acordo com o modelo clássico de *crítica*. Vladimir cita Bento Prado Jr para ilustrar o modo como a *crítica* deixou de agir como estratégia de aniquilamento da lei: “A crítica vira ‘descrição das estruturas que, em última instância, definem o campo de toda significação possível”(p.68). O autor já pode sustentar, a partir daí, que a *interversão cínica* da *ética do gozo* valida “a tese de que a incitação e a administração do gozo se transformaram na verdadeira mola propulsora da economia libidinal da sociedade de consumo, ao invés da repressão própria à sociedade de produção” (p.128).

O cinismo aparece, no último ensaio, como sintoma do esgotamento da auto-produção *crítica* da cultura. A *crítica* esgota seu poder à medida que passa a impedir os agentes sociais de formular uma possibilidade de superação das formas de manipulação social criada pela lógica da administração do desejo. Política econômica aplicada às formas de fetichização que camufla a “contradição paradoxal” do comportamento cínico, desde os momentos de ruptura com a forma canônica na música de Schoenberg, com sua busca pela *transparência da totalidade dos mecanismos de produção do sentido*, até a flexibilização paródica do sistema tonal na música de John Adams e Thomas Adès.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo. 2008.

